

BIBLIOTECAS E CENTROS COMUNITÁRIOS COMO ESPAÇOS PARA PROMOVER A DEMOCRACIA, COMBATER A DESINFORMAÇÃO E DESIGUALDADE¹

David Nemer

Doutor em Informática (Computação, Cultura e Sociedade) pela Indiana University.
Professor no Departamento de Estudos de Mídia na University of Virginia.

Eu sou de Vitória e sempre quis através dos meus estudos e pesquisas poder contribuir de volta para a minha comunidade, por isso que eu foquei a minha pesquisa aqui nas favelas da cidade. O meu trabalho estava focado em processos e políticas de inclusão sociodigital e como a maioria dos trabalhos nessa temática focam nas bibliotecas, eu achei que chegaria aqui e iria encontrá-las. Engano meu: não encontrei nenhuma biblioteca pública que realizasse esse trabalho e muito menos que estivesse inserida nessas áreas marginalizadas. Foi uma decepção muito grande, porém, eu vi um outro tipo de centro comunitário que tentava preencher esse papel das bibliotecas, que eram o Telecentros. Por isso que no título dessa palestra eu falo em centro comunitários e bibliotecas já que os achados nas minhas pesquisas nesses ambientes se sobrepõe e se complementam.

Falando em título, quando a Adriana me pediu um título da palestra eu não tinha noção do que iria falar, mas como eu estava envolvido com a minha pesquisa das *fake news* no WhatsApp, eu propus esse aí: "Bibliotecas e centros comunitários como espaços para promover a democracia, combater a desinformação e desigualdade." E confesso que me arrependi um pouco porque é um título que promete muita coisa, e falar de democracia, hoje em dia, infelizmente não é tão fácil. Quem diria que em pleno século 21 ainda teríamos que defender a democracia. Então, durante a palestra de hoje, espero poder articular a importância das bibliotecas para a manutenção das democracias em tempos conturbados: e eu resumo esses tempos conturbados em tempos de *fake news*, governos extremos, corte de

¹ Este texto refere-se à conferência de mesmo título proferida na abertura da 28ª edição do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, em Vitória, no dia 02 de outubro de 2019.

orçamento para as bibliotecas e sobre ênfase que é dada em soluções tecnológicas para substituírem as bibliotecas.

Bibliotecas são espaços compartilhados ao qual todos pertencem. Esses espaços são *commons*, na linguagem de Elinor Ostrom², que resistem no tempo e com a pavimentação e privatização de espaços públicos. As bibliotecas não são construídas apenas com as promessas de serem espaços abertos e igualitários da nossa democracia; elas existem para promovê-los. No nível local, a biblioteca pública evolui como um monumento cívico mais visível para um modo de vida democrático. Internacionalmente, o conceito de biblioteca vem a servir como um poderoso símbolo cultural com o objetivo visível para que todas as sociedades mantenham seus pilares democráticos.

E aqui nessa minha fala, quando eu disser biblioteca, quero que vocês associem o termo ao entendimento de biblioteca pública: aquelas onde todos são bem-vindos. Porque por mais que tenhamos bibliotecas em centros universitários e em algumas escolas, já que por incrível que pareça, escola não é sinônimo de se ter uma biblioteca instalada, esses ainda são espaços extremamente exclusivos e que repelem o acesso de qualquer um que não tenha uma relação direta com tal instituição - o que restringe dramaticamente o acesso à informação dos mais necessitados.

Ironicamente, foi Andrew Carnegie, uma das pessoas mais ricas do mundo no seu tempo, que colocou a palavra "pública" no termo "biblioteca pública". Pois ele foi proibido de usar uma biblioteca local quando era jovem, porque não podia pagar a taxa - na época, como outras bibliotecas, essa foi modelada pela biblioteca "pública" de Benjamin Franklin, na Filadélfia, que operava com base em assinaturas - Carnegie argumentou em uma carta ao The Pittsburgh Dispatch que as bibliotecas deveriam estar abertas a todos os interessados, independentemente dos meios. Ele argumentou: "As bibliotecas públicas devem oferecer livremente acesso a suas coleções e serviços para todos os membros da comunidade, independentemente de raça, cidadania, idade, nível de educação, status econômico ou qualquer outra qualificação ou condição. O acesso livre a ideias e informações, que é um pré-requisito para a existência de uma cidadania responsável, é tão fundamental para a América,

² Única mulher a receber o Prêmio Nobel de Economia (agraciada em 2009). Seus trabalhos versam sobre como a propriedade local pode ser gerenciada por bens comuns locais, sem regulamentação por autoridades centrais ou privatização (THE..., 2019).

[e aqui eu digo para qualquer país inclusive o Brasil], quanto os princípios de liberdade, igualdade e direitos individuais. As bibliotecas públicas continuam sendo de importância permanente para a manutenção de nossa sociedade democrática livre. Não existe instituição comparável nas nossas vidas.”

Por isso, é preciso focar na importância da biblioteca como espaço público pois, atualmente, onde mais alguém pode legitimamente passar mais tempo sem ter que comprar o tal acesso? À medida que as falhas na nossa sociedade se aprofundam todos os dias em torno de classe, raça, partido político, gênero e educação, são justamente as bibliotecas que estão silenciosamente fornecendo a aliança social que a sociedade moderna parece não ter.

As bibliotecas não apenas fornecem acesso gratuito a livros e outros materiais culturais, mas também oferecem coisas como companheirismo para adultos mais velhos, cuidados infantis para os pais ocupados, ensino de idiomas para imigrantes e acolhimento de espaços públicos para os pobres, os moradores em situação de rua e os jovens. A maioria das bibliotecas possui programas de leitura e recursos de carreira. Alguns têm estúdios de produção de mídia e espaços para criadores, os famosos *makerspaces*. No mundo, milhões usam bibliotecas para acessar a Internet e trabalhar - o tão valorizado e clichê *home office*, na verdade, acontece mais frequentemente nas bibliotecas.

As bibliotecas na Europa, por exemplo, são a primeira parada para os imigrantes, pois é um lugar para os pais imigrantes apresentarem seus filhos à leitura no idioma local - uma porta essencial para a aprendizagem - e onde os socialmente isolados buscam o contato humano. As bibliotecas acolhem os pobres e os moradores em situação de rua.

Eu trago aqui dois exemplos para ilustrar a importância desses espaços comunitários e bibliotecas. Um é da minha pesquisa feita aqui em Vitória onde faço uma etnografia nas favelas, e foco nos Telecentros, onde esses centros preenchem um espaço que seria o da biblioteca. Lá as mães deixam seus filhos no Telecentro durante o dia, já que deixá-los em casa ou na rua sem supervisão adulta aumenta o risco deles serem recrutados pelo tráfico de drogas, então os agentes de inclusão digital que trabalham nos Telecentros cuidam dessas crianças (NEMER, 2013). Esses centros também ajudavam os Correios na distribuição de cartas na região já que é comum não se ter um endereço fixo e oficial para as residências (NEMER; CHIRUMAMILLA, 2019). Já na minha etnografia nos Apalaches, que é a região mais pobre dos EUA, é justamente nas bibliotecas onde os residentes locais conseguem se registrar

para votar nas eleições, onde conseguem ter acesso à Internet, e onde os bibliotecários, acreditem, são treinados a administrar naloxona quando os usuários da biblioteca tem algum tipo de overdose, tanto de heroína quanto de opióides.

A questão aqui é clara, que as bibliotecas são centros fundamentais de qualquer comunidade e que facilitam qualquer tipo de interação - e justamente no momento em que as pessoas estão se escondendo cada vez mais, seja se apoiando na própria tecnologia individual para se relacionarem, ou em seus condomínios fechados, ou muitas vezes antagônicas às pessoas que não pertencem à sua comunidade - o simples efeito de entrar em qualquer centro comunitário e se sentar ao lado de outra pessoa, seja para realizar seu trabalho ou qualquer outra ação, é muito profundo - e isso só acontece em centros como bibliotecas ou até mesmo os telecentros públicos.

Mas, por mais que a gente enfatize a importância desses centros, isso não os deixa imune de ações de governos que continuam por cortar financiamentos que são vitais à manutenção de seus serviços. Portanto, a biblioteca não é só fundamental para a promoção da cidadania, mas também é nela que está a resposta para questões da sua própria sobrevivência.

Nós estamos vivendo em tempos em que a verdade e a história estão sendo constantemente questionadas e reformuladas para responder aos anseios atuais de governos extremistas. Jason Stanley (2018), em seu livro “Como O Fascismo Funciona”, relata que governos que se alinham a alguma forma de fascismo trabalham arduamente para desconstruir o passado e recriar um passado mítico para apoiar suas visões do presente. Essa forma de reescrever a história, confunde o entendimento fragmentado da realidade da população através da promoção da desinformação e o anti-intelectualismo.

É justamente isso que eu vejo na minha pesquisa, onde estou inserido em grupos de WhatsApp e analiso a produção, compartilhamento, e consumo de desinformação ou as chamadas *fake news* (NEMER, 2018). Esses grupos, que originalmente estavam preocupados em eleger o então candidato Jair Bolsonaro, hoje estão radicalizados. Qualquer oposição – até mesmo meros questionamentos – ao presidente é sufocada pelos seus moderadores e usuários desses. Mas, em vez de produzir, compartilhar e consumir *fake news* contra os adversários eleitorais, como no ano passado, a desinformação agora se concentra em propaganda governamental. O objetivo é tirar a legitimidade dos meios tradicionais de

informação, inclusive das bibliotecas onde são espaços que resistem para manterem a história.

Um caso preocupante que identifiquei nessa pesquisa, foi o grupo de supremacistas sociais - que está primordialmente focado em se alinhar às visões conservadoras e opiniões extremistas principalmente de Eduardo Bolsonaro (NEMER, 2019). Os membros desses grupos não estão interessados no dia a dia da política ou do governo, mas capitalizam sobre esse discurso extremista para justificar o compartilhamento de conteúdos pró-armas, racistas, anti-LGBTQ, antisemita e antinordestinos. Propaganda nazista, e conteúdos pedófilos são disseminados na forma de memes e vídeos. Os integrantes desses grupos muitas vezes são conduzidos a outros canais de discussão mais radicais, como 4chan³ e 8chan⁴, e foram de lá que foram radicalizados os assassinos do Massacre de Suzano.

Nessa pesquisa eu analiso e teorizo o triste processo da radicalização do cidadão, que pode ir de um mero brasileiro comum a um serial killer - isso tudo fomentado pela desinformação - já que a desinformação é a semente da alienação e do ódio. O que nos mostra que o problema não é a questão de "não ter informação," e sim, de pessoas acharem que estão bem informadas. E você me pergunta: o que isso tem a ver com as bibliotecas? Eu digo: tudo! Imagina se os moderadores desses grupos de WhatsApp tivessem as habilidades e conhecimentos de um bibliotecário, será que eles permitiriam esse tipo de comportamento nos grupos? Com certeza não - principalmente se o âmbito virtual de grupos de WhatsApp tentasse replicar o ambiente de uma biblioteca. Já que na biblioteca não há espaço para a mentira ou *fake news*, pois para a verdade ser construída ela precisa de fundamentação e principalmente informação, fatos. Por isso que não há espaço para o Passado Mítico nas bibliotecas - esses centros deixam o passado vivo para que possamos progredir com o presente. Isso explica o porque que a biblioteca não é de interesse de governos que promovem o extremismo ou se alinham ao fascismo. Isso não quer dizer que só existe uma verdade, as bibliotecas sempre mantêm coleções que oferecem pontos de vista concorrentes,

³ O 4chan é um site criado por Christopher Poole em 2003, que nasceu com o propósito de aproximar adoradores de animes e mangás. Ao longo dos anos, começou a propagar *fake news* de grande repercussão e a organizar trotes e escândalos (FURTADO, 2016).

⁴ O 8chan é fórum online de extrema direita, criado em 2013 por Fredrick Brennan. Nele paira uma noção de liberdade de expressão que "justifica" o compartilhamento de conteúdos racistas e antisemitas (BBC News, 2019).

para que haja o debate informado e fundamentado. Em um momento em que as mídias sociais promovem com eficácia narrativas falsas e propaganda disfarçada de notícias legítimas, a biblioteca se torna ainda mais essencial por ser um repositório confiável de verdades.

Esse é o verdadeiro ato de resistência da biblioteca. E eu digo resistência, pois nesses tempos em que estamos vivendo, ser Biblioteca é visto como um ato radical. Porque quando você ocupa um espaço em um sistema que não foi feito para a sua existência- no caso a biblioteca, a sua autenticidade e princípios são parte do seu ativismo e resistência existencial.

Então se essas atividades fazem os bibliotecários parecerem radicais também, é apenas porque a própria democracia passou a ser vista, em alguns setores, como radical. Porém esse é um problema para quem falha em compreender que os princípios democráticos sobre os quais este país foi construído são fundamentais. No entanto, como todo ditador, déspota e autoritário sabe, a disseminação do conhecimento pressagia sua queda.

Os bibliotecários fornecem a qualquer um de nós, e a todos nós, as matérias-primas da educação cívica. Historicamente, essa tem sido sua contribuição para o projeto democrático, e continua sendo. É por isso que as bibliotecas sempre ensinaram a alfabetização, ministraram aulas de cidadania e, mais recentemente, trabalham para promover o acesso à informação online, assim tentando diminuir as desigualdades digitais. E é por isso, como eu disse antes, que as políticas que implicam as bibliotecas públicas devem reconhecer o seu papel em permitir que as pessoas vulneráveis, sejam pobres ou de grupos de minoria, participem plenamente de uma sociedade democrática, utilizando uma ampla variedade de recursos e estratégias disponíveis.

Por mais que as bibliotecas sejam âmbitos que promovem verdades, elas próprias são vítimas da desinformação, como a ideia de que são depósitos para livros antigos. Porém, as bibliotecas não pararam no tempo, pelo contrário, elas são espaços dinâmicos que mantêm seus pilares em cada marco do tempo para assim avançarem. As bibliotecas estão procurando um papel totalmente novo no mundo - mais digital, mais tecnologia, para atender às necessidades dos usuários. Existem muitos obstáculos, principalmente, como já dito antes, a redução orçamentária que força as bibliotecas a encontrarem maneiras para sobreviver.

As bibliotecas não podem, é claro, consertar todos os males da sociedade. Mas faz sentido em re-imaginar tais males à luz das mudanças e ferramentas disponíveis. Os

privilegiados na sociedade podem não precisar de ajuda adicional para acessar as informações de que precisam, mas muitos outros precisam. Na verdade, a grande maioria. Em uma época em que crianças privilegiadas são educadas com aulas de música, equipes esportivas e aulas particulares, as bibliotecas precisam estar presentes para tentar mitigar as desigualdades na nossa sociedade oferecendo, mesmo que pouco, tais serviços para quem não tem condições de arcar com o custo. Em outras palavras, as bibliotecas podem ser um pequeno pedaço de um quebra-cabeça social maior para apoiar os que mais precisam.

Outra falácia que atinge as bibliotecas é o fato de que a redução orçamentária é motivada pelo não uso desses espaços. Só que na verdade, o verdadeiro problema que as bibliotecas enfrentam é que tantas pessoas as estão usando, e para uma variedade tão grande de propósitos, que os sistemas de bibliotecas e seus funcionários ficam sobrecarregados. De acordo com uma pesquisa realizada em 2016 pelo Pew Research Center (HORRIGAN, 2016), cerca de metade de todos os americanos com 16 anos ou mais usaram uma biblioteca pública em 2015 e dois terços dizem que o fechamento de sua filial local teria um “grande impacto em sua comunidade. As bibliotecas estão sendo depreciadas e negligenciadas exatamente no momento em que são mais valorizadas e necessárias para a população. Por que a desconexão? Em parte, é porque o princípio fundador da biblioteca pública - que todas as pessoas merecem acesso livre e aberto à nossa cultura e herança compartilhadas - está fora de sincronia com a lógica do mercado que domina o mundo. Mas também porque poucas pessoas influentes entendem o papel expansivo que as bibliotecas desempenham nas comunidades modernas.

Outra falácia foi publicada por ninguém menos que a Forbes! Ano passado, a revista publicou um artigo argumentando que as bibliotecas não serviam mais a um propósito e não mereciam o apoio público. O autor, que é um economista, sugeriu que a Amazon substituísse as bibliotecas por seus próprios pontos de venda e alegou que a maioria dos americanos preferiria uma opção de mercado livre. A resposta do público - principalmente de bibliotecários, mas também de funcionários públicos e cidadãos comuns - foi tão esmagadoramente negativa que a Forbes excluiu o artigo de seu site. Pois era um artigo totalmente baseado em uma opinião mal informada, presunções, escrito por alguém que nunca precisou pisar em um biblioteca. Hoje, como cidades e periferia continuam se reinventando, e como os cínicos afirmam que o governo não tem nada de bom para contribuir

com esse processo, é importante que instituições como bibliotecas obtenham o reconhecimento que merecem. As bibliotecas representam e exemplificam algo que precisa ser defendido: as instituições públicas que - mesmo em uma era de atomização, polarização e desigualdade - servem como alicerces da sociedade civil.

É justamente nessa era de Amazon e Google que precisamos ainda mais das bibliotecas e bibliotecários. Afinal, bibliotecas vão muito além de armazenar e processar informação, e bibliotecários jamais poderiam ser comparados a algoritmos que dispensam do pensamento crítico.

Mas de onde vem esse pensamento que na era de Google e Amazon não precisamos de bibliotecas? Bom, os currículos de ciência da computação há tempos muito enfatizam o poder dos dados, incentivando sua coleta e acumulação - abrindo assim caminhos para novas maneiras de minerar e manipular usuários. Assim como o caminho para a riqueza na economia moderna e pressupondo que a ideia de que os dados são capazes de resolver todos os problemas da sociedade.

Porém, os algoritmos utilizados pelo Google, Facebook e Amazon, não são apenas linhas de código, são na verdade uma compilação de suposições, prioridades, visões de mundo e preconceitos humanos que guiam a criação dessas plataformas. De fato, esses são conceitos ainda ausentes da ciência da computação de atualmente, onde os modelos são descritos como substitutos "imparciais" para programadores tendenciosos. Porém, essa problemática já vem sendo abordada e discutida historicamente nos currículos de Biblioteconomia e Ciências da Informação que enfatizam questões relacionadas à privacidade, liberdades civis e o impacto na comunidade por esses processos e plataformas promovidos pela ciência da computação.

Existe um vasto mundo em que a Biblioteconomia e Ciência da Informação podem ensinar aos cientistas da computação como pensar em seus usuários. Hoje, por exemplo, a segurança dos dados não é mais a tal "cibersegurança" centrada na tecnologia, mas sim na "privacidade" centrada no usuário - na qual proteger dados significa proteger o usuário de danos, não apenas proteger um servidor.

Um dos pilares da Biblioteconomia e Ciência da Informação é o estudo de como as pessoas procuram, compartilham, e consomem informações. Esse entendimento do comportamento humano em relação à informação oferece *insights* poderosos sobre como

podemos projetar melhores plataformas de informações para diferentes setores da sociedade. Uma compreensão mais profunda do comportamento das informações pode ajudar as plataformas a projetar sistemas mais resistentes à propagação de *fake news* - como já descrito.

A teoria da catalogação pode ajudar os pesquisadores atuais de Inteligência Artificial a contemplar como construir seus classificadores taxonômicos, enquanto os abstratores e bibliotecários podem transmitir sua imensa sabedoria e experiência nos assistentes digitais, como a Siri, Amazon Echo e Google Home.

No entanto, os currículos de Biblioteconomia e Ciência da Informação são muito mais do que gerenciar arquivos de artefatos físicos e eletrônicos - esses currículos sempre levam em consideração as comunidades afetadas por tais tecnologias. Em um mundo digital em que "valor" é tipicamente definido por "interesse do anunciante", as principais plataformas da Internet podem aprender muito com um pensamento mais amplo sobre como suas ferramentas capacitam ou reprimem a comunidade e as mudanças significativas que eles podem fazer para apoiar os marginalizados e comunidades vulneráveis. De fato, grande parte do dano causado pelas redes sociais em comunidades vulneráveis no mundo, como contribuições à violência étnica, genocídio, crimes de ódio e entre outros poderiam ter sido consideravelmente mitigados se as empresas desde o início tivessem abordado seus projetos de forma centrada na comunidade.

Uma compreensão da evolução global de como as sociedades geram, gerenciam, consomem e utilizam informações ao longo da história e, especialmente, as maneiras pelas quais as sociedades em todo o mundo diferiram em suas abordagens, pode oferecer uma orientação poderosa na configuração dos sistemas de informação atuais. No lugar da visão centrada no Ocidente do gerenciamento de informações, a interação entre informação e sociedade em outras partes do mundo oferece inúmeras lições sobre como combater a disseminação de falácias, influência estrangeira e violência.

As maneiras pelas quais as sociedades anteriores abordaram a escassez de informações e a evolução do modelo de *gatekeeping* também têm muito a ensinar às plataformas que lutam com o modo de moderar suas informações para todos. Conceitos bastante debatidos na Biblioteconomia, como a diferença entre evidência e interpretação, perícia e experiência, informação e conhecimento, tudo tem muito a contribuir.

Uma pergunta que recebo dos meus alunos, é: quando o Google é seu fornecedor de informação e a Starbucks fornece o seu Wi-Fi, será que ainda precisamos de bibliotecas públicas? A minha resposta é sempre SIM - e enfatizo sempre o seus benefícios e o porque que ainda são espaços vitais, mesmo na era da Internet. Baseado em Banks (2017), aqui eu listo as nove razões pelas quais as bibliotecas ainda são melhores que a Internet.

- 1) **As Bibliotecas são espaços mais seguros:** A internet ainda é vista como um espaço para promover o bem e reunir pessoas em torno de interesses compartilhados. Porém, o cyberbullying e o *trolling* podem deixar as pessoas traumatizadas e relutantes em se relacionar com as pessoas com quem discordam ou até mesmo evitar compartilhar suas ideias. As bibliotecas são lugares onde essas pessoas podem se reunir de forma construtiva, já que é um espaço onde a formação e história de vida de cada um são respeitados. .
- 2) **As bibliotecas respeitam a história:** As páginas da Web são geralmente efêmeras e os links quebrados, ou seja, que nos levam a sites que não existem mais, são problemas reais. O conteúdo das coleções das bibliotecas é muito mais estável. Os materiais impressos são geralmente publicados em papel sem ácido, que não se desintegra. E são os bibliotecários que estão liderando iniciativas para trazer estabilidade semelhante à web por meio de serviços como o Internet Archive e o perma.cc.
- 3) **Bibliotecários digitalizam fontes primárias e confiáveis:** Embora a observação de artefatos históricos seja valiosa, a manipulação física repetidamente pode danificá-los. Disponibilizar versões digitais de obras importantes disponíveis online é uma solução. Os projetos de digitalização de bibliotecas também fornecem informações para pessoas que não têm recursos para viajar para uma biblioteca específica. Os bibliotecários estão usando a tecnologia da internet para promover a missão atemporal de fornecer um melhor acesso à informação. É importante frisar que apesar da internet ser a plataforma que permite esse progresso, são os bibliotecários que estão fazendo todo o trabalho. A internet é a plataforma que permite esse progresso, mas os bibliotecários estão fazendo o trabalho.
- 4) **Os bibliotecários são líderes no aumento do acesso online a informações acadêmicas:** o movimento de acesso aberto, *open access*, disponibiliza artigos

acadêmicos para todos os leitores online, e os bibliotecários são fortes defensores do movimento há mais de uma década.

- 5) **As bibliotecas promovem os famosos *makerspaces*, *hackerspaces* ou *fablabs*:** que são, numa tradução livre, espaços de fabricação. É o famoso espaço “mão na massa” para criar protótipos e aplicar teorias aprendidas. Podem ser utilizados materiais do nosso cotidiano, como palitos, massinha, compasso, tinta, até a mais alta tecnologia como máquinas CNC, impressoras 3D, cortes a laser, entre outras. O movimento *makerspace* cresceu rapidamente justamente pela promoção das bibliotecas públicas. Mas para visitar um desses espaços, você precisa se aventurar no mundo físico - e não ficar no ambiente virtual.
- 6) **Os bibliotecários podem nos ajudar a diferenciar as notícias reais das falsas.** Embora haja uma infinidade de conteúdos úteis, precisos e interessantes disponíveis online, a Web é preenchida com informações imprecisas e enganosas. As chamadas *fake news* são a disseminação de falsidades deliberadas ou conteúdo inflamatório online. A Biblioteconomia sempre tratou de fornecer informações objetivas, precisas e críticas que atendam às necessidades de uma pessoa em particular. Isso não mudou e é por isso que os bibliotecários são especialistas em alfabetização digital.
- 7) **Os bibliotecários nos orientam exatamente para o que precisamos.** O Google é um mecanismo de pesquisa impressionante, mas os resultados disponíveis pela plataforma podem ser volumosos, e muitas pessoas não sabem filtrá-los por tipo de conteúdo ou fonte do site. O Google oferece muitas dicas de pesquisa, que são úteis, mas genéricas. Uma conversa com um bibliotecário pode esclarecer exatamente o que você está procurando e descobrir a melhor maneira de usar o Google - ou muitos outros recursos - para encontrar a informação que você precisa.
- 8) **Os bibliotecários não rastreiam os nossos histórico de leitura ou de pesquisa para vender produtos para nós.** O recurso de recomendação de compra de livros da Amazon é útil para conhecer novos livros. Mas essa utilidade ocorre às custas da sua privacidade, porque nossos dados de leitura são uma valiosa inteligência comercial para a Amazon. O mesmo se aplica ao seu histórico de pesquisas na Web e é por isso que a gente costuma ver anúncios de um produto por semanas após pesquisar por apenas uma vez. Os bibliotecários valorizam e protegem sua privacidade.

9) **Os bibliotecários não censuram.** Um valor central da Biblioteconomia é impedir a censura e permitir a troca livre e completa de ideias. A internet é uma ferramenta poderosa para o compartilhamento de informações, porém hoje é controlada por grandes empresas que podem manipular os dados das formas que quiserem - portanto, são necessários advogados humanos para defender a liberdade de informação.

Por fim, as bibliotecas continuam a fornecer benefícios tangíveis - como espaços comunitários e interação humana - e mais difíceis de quantificar - como acesso, privacidade e liberdade intelectual. A internet é uma ferramenta indispensável e insubstituível para a vida moderna, mas não é uma biblioteca e não substituirá o trabalho dos bibliotecários.

Como eu vejo na minha pesquisa nas bibliotecas americanas, as bibliotecas públicas são essenciais para as comunidades. Elas oferecem aos menos privilegiados a chance de serem atendidos e um espaço compartilhado para os membros da comunidade.

Os adolescentes vão às bibliotecas depois da escola para estudar. Os idosos visitam a biblioteca para socializar. E milhões de americanos que não tem uma conexão de Internet de qualidade em casa vão à biblioteca para ficar online. Afinal, quase todas as bibliotecas públicas nos Estados Unidos fornecem acesso à Internet. Algumas bibliotecas ainda oferecem treinamento de carreira e preparação para o trabalho. As bibliotecas públicas estão no centro das nossas comunidades e da nossa democracia. Afinal, a democracia depende de uma população informada. E onde as pessoas podem obter todas as informações de que precisam? Na Biblioteca.

As bibliotecas, atualmente, estão fora de sincronia com a lógica do mercado que infelizmente domina nosso mundo. Porém, eu vejo isso como uma coisa boa. Com tanta desigualdade e balcanização, as bibliotecas públicas são peças chaves em promover as críticas necessárias na esfera pública e, quando apoiadas, representam o melhor que um governo pode oferecer. Elas defendem as virtudes da igualdade e da comunidade. Portanto, se sua biblioteca estiver ameaçada, vale a pena defendê-la.

Eu quero concluir a minha fala com um caso recente, que se passou aqui no Brasil. A Fernanda Montenegro, em sua autobiografia, o livro de memórias "Prólogo, Ato, Epílogo" (MONTENEGRO; GÓES, 2019), declarou que "quando acenderem as fogueiras, quero estar ao

lado das bruxas." Uma frase emblemática que já causa silêncios ensurdecadores e ilustra muito bem a nossa situação política e social. Porém, se eu pudesse, na minha insignificância, alterar e contextualizar a fala de Fernanda, eu diria: quando acenderem as fogueiras, quero estar ao lado dos bibliotecários, porque é lá que estarão os resquílios da nossa democracia e a esperança por dias melhores.

Muito obrigado!

REFERÊNCIAS

BANKS, M. Ten reasons libraries are still better than the internet. **American Libraries**, 19 dez. 2017. Disponível em: <https://americanlibrariesmagazine.org/2017/12/19/ten-reasons-libraries-still-better-than-internet/>. Acesso em: 24 dez. 2019.

BBC NEWS. **O que é o 8chan, fórum de extrema-direita que saiu do ar após ser vinculado a massacres nos EUA**, 08 ago. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49243535>. Acesso em: 22 dez. 2019.

FURTADO, T. O que é 4chan? **TechTudo**, 15 set. 2016. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/07/o-que-e-4chan.html>. Acesso em: 22 dez. 2019.

HORRIGAN, J. **Libraries 2016**, 09 set. 2016. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/internet/2016/09/09/libraries-2016/>. Acesso em: 22 dez. 2019.

MONTENEGRO, F.; GÓES, M. **Prólogo, ato, epílogo: memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NEMER, D. **Favela digital: o outro lado da tecnologia/The other side of technology**. Vitória: GSA Gráfica & Editora, 2013.

NEMER, D. The three types of WhatsApp users getting Brazil's Jair Bolsonaro elected. **The Guardian**, 25 out. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/oct/25/brazil-president-jair-bolsonaro-whatsapp-fake-news>. Acesso em: 24 dez. 2019.

NEMER, D. A radicalização invisível da direita brasileira no WhatsApp. **Huffpost Brasil**, 20 ago. 2019. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/whatsapp-bolsonaro_br_5d5b5487e4b0d1e11366e0a9. Acesso em: 24 dez. 2019.

NEMER, D.; CHIRUMAMILLA, P. Living in the broken city: infrastructural inequity, uncertainty, and the materiality of the digital in the favelas of Brazil. In: RIBES, D.; VERTESI, J. (Eds.). **digitalSTS: a handbook and fieldguide**. Princeton: Princeton University Press, 2019. Disponível em: https://digitalsts.net/wp-content/uploads/2019/03/15_Living-in-the-Broken.pdf. Acesso em 24 dez. 2019.

STANLEY, J. **Como o facismo funciona**: a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM Editores, 2018.

THE NOBEL PRIZE. **Elinor Ostrom**: facts. [2019]. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/economic-sciences/2009/ostrom/facts/>. Acesso em: 22 dez. 2019.